

SBH
Dt 195 P
ex 15 mg 01

57/10/06
Jornal do Comércio

nha e farmacopéia e chegando à grande e secular via fluvial paulista-matogrossense das *ruínas*. Abordam, o segundo e o terceiro, técnicas rurais e domésticas, estas as relativas aos primórdios de nossa indústria de tecidos. O trigo, o milho e o monjolo são alguns de seus bons capítulos.

Justificando o título do conjunto, acentua o autor, atual catedrático de História do Brasil da Universidade de São Paulo, a mobilidade que caracterizou, "nos séculos iniciais, as populações do planalto paulista, em contraste com as que, segundo a tradição mais constante da tradição portuguesa, se fixaram junto à 'marinha'". É este um ponto discutível, se nos lembrarmos que as *entradas*, mantidas por todo o período colonial, contestam a alegada fixação litorânea, sobretudo no Sertão e na Amazônia.

Quanto às "fronteiras", não se referem no livro, do Sr. Buarque de Holanda, aos limites geográficos, políticos e internacionais, mas às "paisagens, populações, hábitos, instituições, técnicas, até idiomas heterogêneos que aqui se defrontavam".

Caminhos e Fronteiras é, assim, obra de afirmações sempre documentadas, demonstrando metódicas pesquisas em diferentes setores de nossa tão descuidada história econômica e social do período colonial, embora de preferência restritos ao ambiente vicentino e paulistano, com projeção por terras hoje matogrossenses e paranaenses.

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA -- *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1957.

De acordo com a sua tendência, mais pela história social que pela política, reuniu o professor Sérgio Buarque de Holanda, em *Caminhos e Fronteiras*, três grupos de ensaios do maior interesse. Liga-se, o primeiro, a "índios e mamelucos", começando pelas indígenas "veredas de pésto", passando por sua cozi-

Jornal do Comércio
6.10.57